

Apêndice 6

São Paulo, 21 de fevereiro de 2000.

Prezado Franqueado:

[...].

A reformulação, que está sendo implementada [em Vila Serena São Paulo], tem por finalidade não só reduzir custos, mas evitar o relacionamento individual entre um conselheiro e “seu” residente, que foge do princípio fundamental do Modelo Minnesota, que é um tratamento em grupo.

Vila Serena São Paulo aboliu o papel do conselheiro e introduziu três elementos:

- ❖ Uma pessoa que acompanha o progresso administrativo de todos os residentes, incluindo pós-tratamento, intermedia com a empresa e família, é responsável pelo sumário de alta e ajuda a organizar o programa. Não descobrimos um bom nome para essa função ainda, mas por enquanto estamos chamando de “tracker” ou catalisador.
- ❖ Todos as manhãs haverá um grupão, em que os diretores do centro, o “tracker”, pessoal da administração (qualquer um que tenha interesse) e a enfermagem participam. Essa reunião vai servir para:
 - Reunião comunitária para resolver problemas práticos da casa.
 - Avaliação do progresso de cada residente dentro de sua estória e os primeiros cinco passos, incluindo a determinação da data de alta.
 - Planejamento do programa do dia.
- ❖ Utilização de ex-conselheiros, profissionais, voluntários e ex-residentes para conduzir eventos da programação incluindo grupos de sentimentos e tarefas, dinâmicas, ginásticas e pós-tratamento. Alguns vão participar com mais frequência para manter continuidade em algumas atividades, mas todos vão ser pagos por hora como autônomos. Naturalmente, não utilizaremos pessoas que têm consultório particular.

[...].

Um abraço,
John Burns

Abril, 2000.

Prezado Franqueado:

Como mencionei anteriormente, Vila Serena-São Paulo está tendo sucesso com a experiência do “Grupo Terapêutico Interativo (GTI)”, o “Grupão”. Durante os últimos quatro meses, a casa tem estado cheia, nenhum desligamento, clima bom, funcionários entusiasmados, custos menores e uma repercussão positiva entre nossos clientes que gera a “boca-a-boca” favorável que atrai clientes. Os primeiros cinco Passos estão sendo praticados em profundidade, biblioterapia faz parte da rotina e os planos de pós-tratamento são mais detalhados incluindo os grupos de AA/NA que serão freqüentados diariamente. Os residentes que saem estão freqüentando as salas e enchendo os grupo de Pós-Tratamento.

[...].

Talvez as seguintes considerações de livros sobre Grupos Terapêuticos, Teoria Geral de Sistemas e Psicologia Arquetípica podem nos ajudar a pensar.

Grupos

A literatura sobre grupos tem algumas distinções que podem nos ajudar a medir melhor e entender as atividades de um grupo.

- O Grupão é um processo cooperativo que estabelece atividades específicas e concretas (estória, mini-grupos, palestras) para atingir algo abstrato (estado de sobriedade). Conflito ou competição aborta esse processo. Porém, uma das atividades do grupo é manter sua organização através de normas formais e informais e isto pode envolver conflito e disputa de poder, algo normal e constante. Temos que ficar atentos para quando o conflito é destrutivo, prejudicando o processo, ou construtivo para o grupo manter-se em equilíbrio. A energia emocional, racional e física circula em quatro níveis:

Bioquímica – saúde física.

Intrapsíquico – saúde emocional.

Interpessoal – relacionamentos entre pessoas.

Sociocultural – o grupo no seu contexto maior.

O Grupão tem diversos momentos e acredito que cada residente beneficia-se de uma forma diferente em cada momento e assim cada um é importante:

Formal, em círculo, no horário estipulado.

Semi-informal nos mini grupos, palestras e dinâmicas.

Informal nos intervalos e papos.

- Ainda não sabemos o número ideal de residentes para o melhor funcionamento de um Grupão dentro dos parâmetros de Vila Serena. Quanto maior o número, mais informações, idéias, experiência, diversidade e a melhor possibilidade de uma boa decisão. Porém, com um número muito grande, o Grupão demora demais, há mais conflitos e “panelinhas” e não temos mais um grupo, mas uma agregação. Minha impressão no momento é que o ideal seja entre cinco e vinte residentes. Entretanto, mesmo com um número maior que vinte, o grupo parece funcionar.
- Seis indicadores para avaliar um grupo:
 - 1) Produtividade - A quantidade das decisões que o grupo produz. Tem sido suficiente para atender o processo terapêutico de cada residente?
 - 2) Exatidão - A precisão ou esmero das decisões do grupo. As tarefas e conselhos têm sido apropriados a cada caso?
 - 3) Qualidade - A profundidade das decisões do grupo. O conteúdo das tarefas e conselhos são sagazes ou superficiais?
 - 4) Ritmo - A rapidez ou velocidade com que o grupo chega a decisões. O processo tem sido tedioso ou cansativo?
 - 5) Coesão - A união, concordância ou harmonia do grupo. Existem elementos que criam discordância no grupo?
 - 6) Satisfação - Contentamento ou prazer com que participamos no grupo. O grupo está sendo uma experiência pessoalmente gratificante e enriquecedora?
- Dr. Dan Anderson, fundador de Hazelden e do Modelo Minnesota, e amigo de Vila Serena, uma vez me advertiu que um centro de tratamento teria sucesso na medida em que se baseia nas 12 Tradições. A Segunda Tradição diz:

Somente uma autoridade preside, em última análise, ao nosso propósito comum – um Deus amantíssimo que se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; não têm poderes para governar.

Teoria Geral de Sistemas

Há alguns anos, fiz uma análise de dependência química através da perspectiva da Teoria Geral de Sistemas (TGS), e acredito que há elementos que podem nos ajudar a entender e

fundamentar teoricamente o Grupão. TGS tem a tendência de ser complexa, mas seus fundamentos são simples: Existem sistemas que são entidades que se mantêm em existência, vivas, autônomas, abrindo e fechando seus limites. Podem ser células, pessoas, comunidades ou galáxias. Cada sistema relaciona-se com outros sistemas numa hierarquia e assim existem sub-sistemas e supra-sistemas. O ser humano depende de supra-sistemas, como a família e a sociedade, e ao mesmo tempo tem sub-sistemas, como seus próprios organismos ou responsabilidade com os filhos.

Cada sistema é vivo e tenta manter sua autonomia, abrindo e fechando seus limites, mantendo um equilíbrio e, no caso do ser humano, isto é um equilíbrio físico, racional e emocional. Temos que cuidar de nossa saúde física e emocional e manter relacionamentos úteis e interessantes com os supra e sub-sistemas com os quais nos relacionamos. Quando existe algo útil para nossa manutenção num outro sistema, abrimos nossos limites e, quando apresenta um perigo, os fechamos. Todos os sistemas eventualmente acabam, morrem, mas a tendência é manter nosso sistema e os outros sistemas com os quais nos relacionamos em estado de equilíbrio. É isto que dá sentido à vida.

Todos os sistemas que interagem têm suas próprias maneiras de comunicar-se sejam células, pessoas, famílias, sociedades ou galáxias. O principal meio de comunicação do ser humano é falar e, para falar, nós usamos a voz e as palavras para expressar emoções e idéias, principalmente através da estória. Ao ler este documento, você está abrindo seus limites e decidindo se isto pode contribuir para sua autonomia ou não.

O dependente químico é um sistema que está fora de equilíbrio físico, emocional e social, criando desequilíbrio em seus sub-sistemas, organismos e filhos, e seus supra-sistemas, família e sociedade. Sua estória vai perdendo a voz, palavras, emoções e audiência, isolando-se de si mesmo e dos outros sistemas.

As terapias que focalizam no indivíduo erram em não reconhecer que o indivíduo é um sistema que interage constantemente com muitos outros sistemas. As terapias sistêmicas erram em presumir que os sistemas são estáticos, algo a ser consertado, quando eles estão sempre em fluxo, em evolução. Os dois erram na presunção de que nós podemos entender a complexidade do ser humano, isto, sem falar do inconsciente.

Nossa abordagem é criar um sistema chamado Grupão, que tem sua própria vida, sempre evoluindo, de minuto para minuto, mantendo sua autonomia, abrindo e fechando seus limites, mudando sua própria estória. Uma condição de fazer parte deste sistema chamado Grupão é de ter um sistema pessoal fora de equilíbrio, disfuncional, geralmente por causa do uso de substâncias psicoativas.

No Grupão, há um intenso processo cognitivo e emocional focalizado na troca de histórias, através de atividades formais e informais, na esperança de que cada indivíduo vai poder realinhar sua habilidade de abrir e fechar seus próprios limites trazendo mais equilíbrio, uma visão do mundo mais interessante e até um pouco de serenidade.

Como o sistema de cada residente está ligado a outros sistemas, trabalhamos com a família, a empresa ou qualquer elemento que tenha um relacionamento significativo, incluindo um sistema chamado Vila Serena.

Como os sistemas estão sempre em fluxo, o processo do Grupão tem que ter continuidade no pós-tratamento e grupos de ajuda-mútua, aonde sempre há uma oportunidade de abrir e fechar seus limites, através de estórias.

Psicologia Arquetípica

Um outro estudo que nos permite desenvolver essa experiência com o Grupão é através de alguns elementos da Psicologia Arquetípica que não é fácil porque não é uma psicologia que podemos comparar com todas as modalidades em voga no momento. É uma outra maneira de pensar, é uma perspectiva totalmente diferente, uma mudança de paradigma.

Sua premissa mais simples e mais difícil é a ênfase no que é poético em detrimento do que é literal. Viver com uma visão poética é muito mais profundo e enriquecedor do que viver com uma visão literal.

Escrevi longamente sobre isto num documento, “O Modelo Minnesota no Brasil” que pode ser acessado no www.vilaserena.com.br, mas deixem-me repetir alguns elementos daquele documento aqui:

- A linguagem literal é feita mais de substantivos e é a maneira pela qual nós geralmente estamos acostumados a falar em nossa civilização. É direta, exata, rigorosa e científica.

Em nossa cultura de hoje, utilizamos uma forma muito literal para descrever conceitos que são extremamente abstratos como se eles fossem coisas. Por exemplo, nos referimos à alma, sub-consciência, céu, inferno ou Deus, como se fossem “coisas concretas” num lugar específico.

Até a psiquiatria e a psicologia, como praticadas hoje, são expressas numa linguagem muito literal: ego, libido, transferência, repressão.

O literal tem a tendência de ser analítico, sempre se utilizando as partes, procurando responder às perguntas por que? ou como? Por que isto está acontecendo ou como isto funciona? É superficial. Fragmenta as coisas. O literal não é a linguagem do emocional ou da beleza.

- A linguagem poética utiliza mais adjetivos, é inexata e indireta. Por exemplo, a poesia, a música, a dança, a arte ou um sonho desperta em nós uma percepção mais profunda do que as palavras. No poético, ouvimos com a imaginação, mais do que com o intelecto. É sintética, aglutina as coisas.

A linguagem da poesia usa exemplos, metáforas, adjetivos. A linguagem poética abre uma perspectiva diferente para cada um, mas ao mesmo tempo é universal para

todos. Ela responde à pergunta: O que está acontecendo? Uma resposta em perspectiva que nunca se fixa, mas que está sempre se aprofundando. É a linguagem das emoções e da beleza. Percebemos mais do que entendemos.

- A estória de uma pessoa é a sua realidade naquele momento. É essencial ficar com a estória. No momento que interpretamos, analisamos ou apontamos um significado simbólico, destruimos a estória, a poesia, a realidade de quem está contando e direcionamos quem conta para a estória do terapeuta. Quando uma pessoa ouve sua voz, ela assume sua própria estória, ou como falou o filósofo-poeta Wallace Stevens, ver o “poema no coração das coisas”. O dependente químico perdeu o poema no coração das coisas.
- O Primeiro Passo, “admitimos que éramos impotentes” é um processo de aprofundamento da estória, novela do dependente e não uma confrontação ou uma abordagem moral incentivando a pessoa a crescer ou buscar perfeição ou um estado de serenidade.
- Os Segundo e Terceiro Passos, que se referem a um Poder Superior, são calcados na estória, na metáfora do momento do residente como membro de uma comunidade e do mundo e não algo somente intrínseco ou somente extrínseco.
- Passos Quarto e Quinto, que recomendam compartilhar um “inventário moral”, não imoral mantêm-se focalizados na estória e não são interpretados ou analisados. Patologia e excentricidades são normais.
- Todas as atividades periféricas ao processo de aprofundar a estória como dinâmicas de grupo ou trabalhos manuais sempre têm por finalidade aprofundar a estória do indivíduo dentro da estória do grupo.
- A personalidade saudável, madura ou ideal irá, então, mostrar que conhece a sua situação ambígua e dramaticamente mascarada. Ironia, humor e compaixão serão sua marca, uma vez que estes traços indicam uma consciência da multiplicidade de significados e destinos e a multiplicidade de intenções incorporadas por qualquer sujeito a qualquer momento.

Essa visão permite que nós confiemos no processo de cada indivíduo e no grupo. Não temos a solução, mas podemos criar condições para as características de cada pessoa no sentido de propiciar-lhes um sistema equilibrado, autônomo. Não sentimos a necessidade de aplicar alguma forma ou linha de terapia diretiva, mas permitê-nos correr o risco, difícil para alguns, de confiar no Grupão. Não sinto, como um profissional, a obrigação de mudar ou curar o paciente. Acreditamos que isto é uma mudança de paradigma fundamental no tratamento de dependência química e que vai nos diferenciar das outras modalidades.

Em setembro deste ano vou participar de uma conferência sobre Psicologia Arquetípica na Califórnia, e um artigo meu sobre nossa experiência vai ser publicado no jornal de Psicologia Arquetípica, “Spring: A Journal of Archetype and Culture”.

Um Pensamento

Como Jung e Hillman sempre observam, a cura está na doença. Se o mundo está se drogando, temos que perguntar o que está acontecendo, e acredito que nossa abordagem está tentando uma resposta. Notei isto num artigo de Barry Lopez:

Num nível prático [nossa sociedade] tem que parar de fazer coisas que vende e fazer coisas que ajudam. Temos que redescobrir a estória -- e música e teatro e dança e pintura e fotografia -- como a fonte de nossa renovação, não produtos como a nascente de nossa dignidade, nossa consciência. Temos que descobrir de novo que nosso destino não está com o governo, ou com o capitalismo, mas entre nós.

Temos que descobrir o senso de humor. Risadas não resolvem nossos problemas, mas certamente os fazem mais suportáveis. . . A somatória de nossa sabedoria, numa cultura oral ou uma cultura literal como a nossa no Ocidente, é depositada na estória; isto é, o que permanece é o que nós contamos para os outros.

Bibliografia

Dizem que Picasso disse que, “o mau artista copia, e o bom, rouba”. Assaltei esses livros:

Becvar, Dorothy S. e Raphael J., Family Therapy – A systemic Integration, Allyn and Bacon, 2000.

Durkin, James (ed.), Living Groups: Group Psychotherapy and General System Theory, Brunner/Mazel, 1981.

Hillman, James, Psicologia Arquetípica – Um Breve Relato, Cultrix, 1983.

Hillman, James, The Thought of the Heart & the Soul of the World, Spring Publications, 1995.

Lopez, Barry, “Looking in a Deeper Lair: A Tribute to Wallace Stegner”, de The 1997 Pushcart Prize XXI, ed. Bill Henderson, Pushcart Press, N.Y., 1996, p. 423.

Pavitt, Charles e Curtis, Ellen, Small Group Discussion – A Theoretical Approach, 2nd Edition, Gorsuch Scarisbrick Publishers, 1990.

Perry, Alan e Doan, Robert E., Story Re-Visions - Narrative Therapy in the Postmodern World, Guilford Press, 1994.

John E. Burns.